

Diálogos entre Protagonismos Femininos: Hildegarda de Bingen e Modernidade¹

Dialogues between protagonists Women: Hildegarda de Bingen and Modernity

Diálogos entre Mujeres protagonistas: Hildegarda de Bingen y la Modernidad

Recebido em 05-03-2015
Aceito para publicação em 05-06-2015

Gabriel Meneguelli Soella²

Resumo: O artigo visa contribuir ao debate acerca das lutas de emancipação feminina, observando a perspectiva e o protagonismo pioneiro feminino em estruturas de poder político dentro da contextualização histórica e social das mesmas. Aborda-se acerca da mulher como protagonista de sua história a partir da modernidade em diálogo com o protagonismo feminino medieval no paradoxo encontrado em Hildegarda. Essa figura histórica e fabulosa, mística e científica, de vanguarda e conservadora contribui para a desconstrução das prerrogativas da submissão da mulher no cenário religioso, civil, cultural e político. O recorte para desenvolver esse diálogo se dá a partir da análise preliminar da teoria da ação social mágica ou religiosamente motivada de Weber, abrindo uma via de diálogo com a sociologia de gênero a partir de uma ótica masculina pró-feminista.

Palavras-Chave: hildegarda de bingen; protagonismo feminino; ação social; pró-feminismo.

Abstract: The article aims to contribute to the debate about women's emancipation struggles, watching the women's perspective and pioneering role in political power structures within the historical and social context of the same. It discusses about the woman as the protagonist of his story from modernity in dialogue with the medieval female role in the paradox found in Hildegard. This historical figure and fabulous,

¹ Artigo apresentado na VIII Semana de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo/ Brasil, no GT de Religião e Sociedade, coordenado pela Profa. Dra. Sonia Missagia de Mattos. Sob o título de "Diálogos entre o protagonismo feminino medieval de Hildegard von Bingen e o feminismo moderno".

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Brasil. Email: gabrielmsoella@gmail.com

mystical and scientific, avant-garde and conservative, contributes to the deconstruction of woman's submission prerogatives in religious scene, civil, cultural and political. The clipping to develop this dialogue takes place from the preliminary analysis of the theory of magic or religiously motivated Weber social action, opening a channel of dialogue with the sociology of gender from a pro-feminist male perspective.

Keywords: hildegard von bingen; female pioneer; social action; pro-feminism.

Resumen: Este artículo pretende contribuir al debate sobre las luchas de emancipación de la mujer, viendo la perspectiva de las mujeres y el papel pionero en las estructuras de poder político dentro del contexto histórico y social de la misma. Se discute acerca de la mujer como protagonista de su historia de la modernidad en el diálogo con el papel femenino medieval en la paradoja que se encuentra en Hildegard. Este personaje histórico y fabuloso, místico y científico, vanguardista y conservador, contribuye a la deconstrucción de las prerrogativas de la sumisión de la mujer en escena religiosa, civil, cultural y política. El recorte para desarrollar este diálogo tiene lugar a partir del análisis preliminar de la teoría de la acción mágica social o por motivos religiosos de Weber, la apertura de un canal de diálogo con la sociología de género desde una perspectiva masculina pro-feminista.

Palabras clave: hildegard de bingen; papel femenino; acción social; pro-feminismo.

1. Introdução

O artigo visa contribuir ao debate acerca das lutas de emancipação feminina, observando a perspectiva e o protagonismo pioneiro feminino em estruturas de poder político dentro da contextualização histórica e social das mesmas. Aborda-se acerca da mulher como protagonista de sua história a partir da modernidade em diálogo com o protagonismo feminino medieval no paradoxo encontrado em Hildegarda. Essa figura histórica e fabulosa, mística e científica, de vanguarda e conservadora contribui para a desconstrução das prerrogativas da submissão da mulher no cenário religioso, civil, cultural e político.

O recorte para desenvolver esse diálogo se dá a partir da análise preliminar da teoria da ação social mágica ou religiosamente motivada de Weber, abrindo uma via de diálogo com a sociologia de gênero a partir de uma ótica masculina pró-feminista. Cujo procedimento metodológico será a análise documental e bibliográfica acerca da temática em questão.

Para que as vias de diálogo sejam possíveis, abordo brevemente o histórico da mobilização feminista e da emergência da sociologia de gênero seguida da proposta dialógica.

Este artigo não se propõe ser determinista em afirmações acerca do protagonismo feminino e das lutas feministas, mas apenas ponto de diálogo entre a personagem histórica Hildegarda de Bingen e as lutas feministas e pró-feministas, abordadas de forma preliminar. As lutas feministas e pró-feministas vão além da compreensão que trago neste artigo, no entanto, o que busca é estabelecer diálogos do mesmo focando-se nas narrativas acerca da vida e obra de Hildegarda de Bingen.

2. Feminismo e Sociologia de Gênero

O feminismo possui uma teoria crítica e reflexão própria a partir da perspectiva feminina. Para compreender como se deu o processo de desenvolvimento do mesmo conjuntamente com a sociologia de gênero ou sociologia feminista, o texto seguirá a perspectiva histórica do movimento – priorizando o Brasil – e seu processo de desenvolvimento intelectual através da sociologia de gênero.

2.1. Histórico Feminista

A cientista política Céli Regina Jardim Pinto, em “Feminismo, História e Poder” realiza uma abordagem acerca do histórico do movimento feminista e afirma que a primeira onda do feminismo se data do final do século XIX, cujo primeiro ato foi pelo direito feminino ao voto, na Inglaterra, obtendo esse direito em 1918. Direito este, alcançado no Brasil somente em 1932 – ainda que a militância fora iniciada em 1910, liderada pela bióloga brasileira Bertha Lutz. Ainda nesta primeira onda feminista,

evidenciou-se no Brasil a força da mobilização das operárias anarquistas, que perdeu força em 1930.

Para a autora, foi a partir da obra "O Segundo Sexo", de Simone de Beauvoir, que o feminismo no Brasil ganha nova força por volta de 1960. Em contexto movimentado pela efervescência de mudanças culturais no Ocidente assim como do surgimento da pílula anticoncepcional³ ainda nessa década (1960), Betty Friedan lança "A Mística Feminina", um dos pilares do novo feminismo emergente.

Com a estruturação e fortalecimento do feminismo, a pauta do movimento gira em torno do empoderamento feminino e as relações de poder entre os gêneros. E apresentava-se como movimento libertário empenhado na promoção da emancipação feminina diante da imposição de poder masculino que cerceavam sua autonomia sobre seus corpos e impediam o protagonismo feminino na vida pública, na educação e no mercado de trabalho. Através dessa pauta, o movimento feminista evidencia outra forma de dominação – para além da dominação de classe – a dominação de gênero.

Enquanto o ideal libertário dos movimentos populares se fortalecia nos Estados Unidos e na Europa, no Brasil se consolidava a Ditadura Militar com intensa perseguição a movimentos populares. Neste contexto, em 1975 é realizada, no México, pela ONU, a Primeira Conferência Internacional da Mulher onde a década seguinte (1975-1985) foi declarada como "a Década da Mulher". No mesmo ano (1975) surge no Brasil o Movimento Feminino pela Anistia, liderado por Terezinha Zerbini e altamente relevante para a Anistia que ocorreu em 1979. Ainda no mesmo período, entre as exiladas houve aproximação com movimentos feministas europeus – ainda que sob forte oposição de seus companheiros (também

³ O Advento da contracepção medicalizada foi fundamental para a luta pelos direitos da mulher sobre seu próprio corpo. A primeira pílula contraceptiva oral lançada foi o "Enovid-10", em 18 de agosto de 1960, nos Estados Unidos.

exilados) que acreditavam que o movimento feminista atrapalharia as causas em favor do fim da ditadura e ascensão do socialismo.

A autora afirma que com o processo de redemocratização do Brasil, o movimento feminista conquista ascensão nas lutas e diversificação das pautas ao ocorrer parcerias com movimentos populares atendendo também as demandas de reivindicação dos coletivos femininos periféricos fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica Romana.⁴

Pelo governo de José Sarney foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)⁵ que promoveu – juntamente com grupos feministas – a inclusão dos direitos da mulher na nova constituição. Tornando a Constituição de 1988 como uma das mais abrangentes acerca da garantia dos direitos femininos. Contudo, com os governos de Fernando Collor de Mello a Fernando Henrique Cardoso, o CNDM e a representação institucional feminina perde importância. Entretanto, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva a importância é restaurada sob a forma de Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e a recriação do CNDM com características mais próximas do conselho original. Neste período ainda, é criada a Lei Maria da Penha⁶ em favor da proteção feminina contra a violência doméstica (Pinto, 2010).

Complementando o histórico das lutas feministas, é oportuno salientar a eleição e reeleição da primeira mulher à Presidência da República Brasileira, Dilma Vana Rousseff, em 2010 e 2014.

⁴ As temáticas abordadas pelas feministas em conjunto com movimentos populares compreendiam temáticas em torno da sexualidade, violência, direito ao trabalho, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, racismo, opção sexual (o termo orientação sexual somente surge na década de 1990), educação, saneamento, habitação e saúde.

⁵ Fundado em 1985, vinculado ao Ministério da Justiça.

⁶ Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.

2.2. Sociologia de Gênero

A socióloga Lucila Scavone, em “Estudos de gênero: uma sociologia feminista?” realiza uma discussão afirmando que as Ciências Sociais, principalmente a Sociologia, são marcadas pela compreensão positivista comteana e durkheimiana, onde é realizada a dicotomia entre particular versus universal, sujeito versus objeto, natureza versus cultura, mente versus corpo, razão versus emoção, indivíduo versus sociedade. Entretanto, rupturas dessas dicotomias estão presentes em autores como Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Bruno Latour. Desconstrução fundamental para abertura à compreensão da diferenciação social, estabelecendo-se aí a crítica feminista e os estudos de gênero, cuja abordagem é não-totalizante.

A autora revela que na crítica feminista evidencia-se as obras “Trabalho das Mulheres” de Madeleine Guilbert (1946) na Sociologia, “Trabalho das Mulheres” de Margareth Mead (1948) na Antropologia e, principalmente, “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir (1949) na Filosofia e Literatura, que é considerado como matriz teórica da nova etapa do feminismo.

Para Scavone, o feminismo pode ser dividido em três fases. A primeira compreende a luta por direitos universais (civis, políticos e sociais) igualitários. A segunda luta pela afirmação da identidade feminina evidenciando as diferenças sociais entre os gêneros. E a terceira é a pós-moderna, originada do desconstrucionismo. Contudo, ocorre a coexistência de ambas as fases na mobilização feminista.

A mobilização feminista possui influências do liberalismo, socialismo utópico e anarquismo e, os estudos de gênero, estabelecem diálogo com o marxismo, o estruturalismo, a psicanálise e o pós-estruturalismo. Evidencia-se o diálogo - ainda que tensionado - com Foucault (trabalhando o poder) e um amplo diálogo com Bourdieu (trabalhando a dominação).

Na teorização feminista não há um consenso acerca do emprego do conceito de gênero, visto que a terminologia propõe mais neutralidade do que os conceitos feministas, gays e lésbicos. Entretanto, a socióloga francesa Christine Delphy, por exemplo, emprega o conceito de gênero em seus trabalhos. Todavia, as diversas matizes feministas estabelecem críticas ao “sujeito único a-histórico” do Iluminismo.

Por volta de 1990, devido à “teoria queer” o conceito de gênero ultrapassa a polarização entre masculino e feminino, propondo o questionamento e a ruptura com a heteronormatividade (Scavone, 2008).

3. Hildegarda de Bingen

Paulo de Tarso em sua narrativa no Novo Testamento bíblico propõe que as mulheres exerçam um caráter de submissão aos homens, contendo proibições de lecionar, pregar, e toda dúvida que tiverem que perguntassem aos seus maridos, (*“mulieres in ecclesiis taceant non enim permittitur eis loqui sed subditas esse sicut et lex dicit. si quid autem volunt discere domi viros suos interrogent turpe est enim mulieri loqui in ecclesia”*)⁷. Tal concepção arraigou-se profundamente na Europa Medieval, dificultando a ascensão e o protagonismo feminino, principalmente dentro do contexto religioso católico e político, os quais eram profundamente interligados.

Entretanto, no ano de 1089, nasce em Bermersheim vor der Höhe, na Alemanha, Hildegard von Bingen, cuja transliteração para o português é Hildegarda de Bingen. Ainda criança foi levada para um eremitério feminino anexado ao Mosteiro masculino de Disibodenberg, o que era prática comum à época, não fosse pelos fatos que se seguiram. O papel feminino no monaquismo ocidental era empreendido conforme as

⁷ Vulgata Latina, Epistula I ad Corinthios, 14, 34-35.

exortações de Paulo de Tarso, onde as monjas deveriam submeter-se ao silêncio, obediência aos homens e sem possibilidade de exercer questionamentos.

Deste cenário, Hildegarda de Bingen se destaca por sua sutileza questionadora e seu protagonismo pioneiro, de tal modo que é reconhecida como inspiração por movimentos feministas, ecológicos, pacifistas e naturistas modernos. Entretanto, seus escritos se revelem mais próximos de uma ecologia feminina, como afirma Jane Duran:

A ênfase da metafísica holística na obra de Hildegarda e sua recusa em separar sua discussão acerca das questões físicas de tais questões, fornece uma grande quantidade de impulso para o que já chegou a ser uma discussão de valores de Hildegarda. Não se trata, é claro, que o trabalho dela é feminista em qualquer coisa como o senso de hoje. É, antes, que uma grande parte do que ela diz apoia essas noções contemporâneas como o movimento de Gaia e que veio a ser conhecido como 'deep ecology'.⁸ (DURAN, 2006, p.28)

Sell, ao parafrasear Marett, afirma que "tanto a magia como a religião supõem uma compreensão simbólica (divisão entre o natural e o sobrenatural) da realidade e, neste sentido, encontram-se entrelaçadas." (Sell, 2013, p.73). Essa visão entrelaçada de Hildegarda acerca das questões físicas e da metafísica pode ser empregada como exemplo da "compreensão simbólica" sugerida pela religião.

Ainda que possuísse posturas morais e doutrinárias semelhantes aos demais movimentos do cristianismo ocidental do período, Hildegarda foi além de seu tempo ao desempenhar estudos em ginecologia sob a ótica feminina, uso de plantas medicinais, além de protagonismo feminino pioneiro em teologia, pregação pública, poesia, teatro, música e política.

⁸ Tradução realizada por mim para utilização exclusiva neste artigo.

Além do supracitado, Hildegarda também desenvolvia práticas místicas com cristais e pedras preciosas para a cura, alegava possuir a clarividência e condenava o excesso de práticas de autoflagelação através de sua compreensão teológica.

Diante de tantas polêmicas sobre essa mulher, observa-se grande paradoxo em relação à realidade das demais freiras, visto que Hildegarda alcançou destaque político e religioso, obtendo grandioso respeito e admiração de uma sociedade altamente envolta em paradigmas misóginos.

Sua alçada foi reconhecida pela Igreja Católica Apostólica Romana ainda em sua vida, quando o papa Eugênio III em 1147, sob forte apelo do bispo Bernardo de Claraval, aprovou a publicação de suas visões místicas e autorizou que falasse em público. Seguindo-se de beatificação e canonização sem muita visibilidade, até que em 2012, o papa Bento XVI reafirmou a canonização de Hildegarda, atribuindo-lhe o título de Doutora da Igreja Católica através da Carta Apostólica "Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professa da Ordem de São Bento é proclamada Doutora da Igreja universal", tornando-se assim uma das quatro mulheres e a mais antiga a receber esta honraria.

Estudada por religiosos, cientistas e humanistas, Hildegarda revela em seus escritos, objetividade científica nunca antes observada no Ocidente. Bem como uma linguagem em pé de igualdade com o papa, o alto clero e as demais autoridades políticas da época, pelos quais (tal como por membros das diversas estratificações sociais da época), de acordo com Marcos Costa, era considerada como "a sibila do Reno" ou ainda "a profetisa dos teutões" (Costa, 2012). Sobre o posicionamento de destaque de Hildegarda no campo religioso, pode-se inferir a afirmativa de Bourdieu sobre a sociologia da religião em Weber, que "o 'campo religioso', movido pelo seu 'bem simbólico' (ou capital) maior (a salvação), encontra-se em

constante disputa por três atores em especial: magos, sacerdotes e profetas” (Sell, 2013, p.79).

Em sua teologia, negava a culpa de Eva pelo pecado original atribuindo um grande papel ao feminino em sua perspectiva holística. Escreveu acerca do divino como ente materno responsável pela criação. Entretanto, orientava-se na busca da harmonização entre o gênero feminino e o masculino, mantendo-se ambivalente em vários aspectos. Sobretudo, ressaltando o divino como benevolente ao invés de vingativo. Em demonstração de seu pioneirismo religioso, Hildegarda por eleição das religiosas se torna superiora obtendo o título de Magistra em 1136. Após este título, em virtude do aumento do número de religiosas, decide que deve ter seu próprio mosteiro. Desafiando a autoridade do Abade de Disibodenberg, solicita e consegue concessão episcopal para migrar com suas monjas para as ruínas do Mosteiro de Rupertsberg, próximo de Bingen, o qual fora reformado para a habitação das monjas em 1150 em uma margem do Reno. Fundando em 1165, o Mosteiro de Eibingen, na outra margem do Reno.

Sua boa fama se expandiu quando saiu em missão de propagação da doutrina religiosa pela Alemanha e pela França, cujo conteúdo era veemente contra vícios clericais e doutrinas tidas por heréticas⁹. No mesmo período, surgiram rumores de curas milagrosas e exorcismos realizados por ela.

O empoderamento feminino de Hildegarda é bem peculiar à época em que viveu, uma explicação que pode ser inferida é a de que a argumentação mística de suas “visões proféticas” pôde proporcionar a legitimação de suas ações políticas, científicas e teológicas visto que não se tratava de uma mulher cuja ação social estaria almejando lograr espaços masculinos, mas seria “o próprio Deus” quem fala através de Hildegarda. Ou seja, a ação social de Hildegarda estava orientada pela representação mágica da

⁹ Heresia dos Cátaros.

clarividência. Todavia, para Sell “a ação social mágico/religiosa envolve também a representação ideal de ‘forças extracotidianas (sic)’” (Sell, 2013, p.77). Portanto, é preciso ter cuidado em abordar os possíveis interesses de Hildegarda sem ponderar a dimensão do fenômeno místico da clarividência, onde está incutida “a crença nos espíritos” (especificamente a crença no Espírito Santo e nos anjos, para Hildegarda).

De acordo com o filósofo Marcos Costa, Hildegarda compreendia uma complementaridade entre humano e natureza onde as estações do ano são quatro, o dia é dividido em quatro partes, os temperamentos humanos são quatro (melancólico, colérico, sanguíneo e paciente), os elementos do corpo humano são quatro (bile negra, biles, sangue e flegma) assim como os elementos da natureza também são quatro (fogo, terra, água e ar). Em suas profecias, Hildegarda atribuía as irregularidades do clima à ação humana “que agita e confunde os elementos” provocando desastres, prefigurando problemas ecológicos posteriores a sua morte. Ainda, para Costa, Hildegarda teologiza a divinização do corpo humano atribuindo este também “à imagem e semelhança de Deus”. Entretanto, propõe que a mulher é ontologicamente superior ao homem, pois a mesma tinha sido criada de matéria superior a qual o homem fora criado (o homem criado à partir da terra e a mulher à partir do homem). Todavia, Hildegarda defendia a complementaridade entre corpo- alma e homem- mulher, alegando que a perfeição do humano consiste em unir em harmonia as características femininas e masculinas ao mesmo tempo.

Marcos Costa revela que Bárbara Newman, através da obra “Sister of wisdom: St. Hildegard’ Theology of th feminine”, 1997, demonstra aspectos feministas da santa, ainda que ela nunca tenha reivindicado a emancipação feminina. Pelo contrário, Hildegarda se demonstrava conservadora acerca do sacerdócio (somente para homens) e do papel da mulher (geração e criação dos filhos), além do elitismo manifesto ao não

aceitar em seu mosteiro jovens que não fossem da Nobreza. Em rituais internos, defendia ainda que as monjas ostentassem joias de ouro e véus de seda com os cabelos soltos e criticava fortemente a chamada “pobreza evangélica” (Costa, 2012).

Hildegarda representa, no cenário político da época, o que Céli Pinto chama de “perspectiva feminina” em que não há comprometimento com as ideias feministas, mas há presença feminina. Onde se evidencia a possibilidade de ascensão da mulher na estrutura de poder e dominação de gênero assumindo um papel de protagonismo cuja preconização é masculina (Pinto, 2010).

Entretanto, a cientista política Pinto aborda ainda as formas de poder em Foucault que pode ser “excludente” – onde aqui faço uma inferência à imensa maioria das mulheres medievais cuja participação na vida cultural, política e religiosa era condenada ao ostracismo e à submissão – e “inclusiva” – onde percebo que Hildegarda se encaixe, devido ao papel que exerceu de forma notória, mas atrelada ao discurso falocêntrico do medievalismo católico.

4. Considerações Finais

Em virtude da amplitude das lutas e abordagens feministas e pró-feministas não me proponho a conclusões acerca do mesmo, mas deixando aberto o espaço de debate acadêmico. No entanto, ficam abertos questionamentos acerca de Hildegarda de Bingen: ainda que reprodutora dos discursos machistas devido ao seu contexto medieval, Hildegarda pode ser considerada uma mulher protagonista de sua própria vida? Em um contexto em que meninas eram ofertadas à Igreja como propriedade e obrigadas socialmente a permanecer em uma realidade monástica de clausura, podemos afirmar que realmente havia a possibilidade destas, decidirem sobre seus futuros?

Outra perspectiva de questionamentos tange ao próprio autor deste artigo. Até que ponto um homem cisgênero, branco, e pró-feminista pode conseguir dialogar acerca de protagonismo feminino minimizando a incidência de seus “privilégios” na sua proposta dialógica?

Por fim, considero que ainda há muito que ser aprofundado e debatido acerca da representação de Hildegarda de Bingen para o feminismo e pró-feminismo devido a vastidão e profundidade das obras teológicas, científicas, artísticas e místicas. Bem como as linhas de pesquisa existentes ao redor do mundo acerca da mesma.

Contudo, em caráter preliminar, a figura de Hildegarda pode ser comparada com Bertha Lutz, Madeleine Guilbert, Margareth Mead, Simone de Beauvoir, Terezinha Zerbini e Dilma Rousseff no que diz respeito ao protagonismo pioneiro onde promovem a “perspectiva feminina”. Comparação esta, que pode ser realizada através da contextualização sincro-diacrônica das supracitadas. Ficam abertas assim, as vias de diálogo e contraposição a este trabalho.

5. Referências

DURAN, J. (2006). ***Eight women philosophers: theory, politics, and feminism***. Illinois, USA: University of Illinois Press.

SELL, C. E. (2013). ***Weber e as religiões. Max Weber e a racionalização da vida***. Petrópolis: Vozes, pp.54-86.

COSTA, M. R. N. (2012). ***Mulheres intelectuais na idade média: Hildegarda de Bingen – entre a medicina, a filosofia e a mística***. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732012000400013. Acesso em: 19 de outubro de 2014.

PINTO, C. R. J. (2009). **Feminismo, história e poder**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2014.

SCAVONE, L. (2008). **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a18v16n1.pdf>. Acesso em: 31 de outubro de 2014.

VULGATA LATINA. **Epistula I ad Corinthios**. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/vulgata-latina/epistula-i-ad-corinthios/14/#.VF5GD TF-8x>. Acesso em: 02 de novembro de 2014.

BENTO, PP XVI. **Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professora da Ordem de São Bento é proclamada Doutora da Igreja universal**. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen_po.html. Acesso em: 01 de novembro de 2014.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 02 de novembro de 2014.